

MILITANCIA SOCIAL GLBT E O PAPEL DA RELIGIÃO

Aluna: Sandra Regina de Souza Marcelino

Orientador: Luís Corrêa Lima

Introdução

A prática religiosa é uma forma de cultura dos povos onde muitas redes e relações sociais se constroem. Na religião se procura formar e conquistar uma espécie de justiça, de solidariedade, de transformação pessoal e social através do transcendente. Numa sociedade marcada por desigualdades sociais como a nossa que violenta constantemente os direitos básicos dos cidadãos, as religiões muitas vezes se apresentam como “salvadora” através de uma teologia da esperança e ao mesmo tempo age não somente cuidando da alma, do espírito, mas também intervindo nas necessidades sociais que provém das demandas trazidas pelos seus fiéis. Hoje, há inúmeras pastorais e grupos dentro dos espaços religiosos que procuram atender as questões de saúde, da terra, da prevenção de doenças sexualmente transmissíveis, da desnutrição, dos idosos, crianças e adolescentes e outras mais. É nesse processo de organização e formação dos grupos e equipes responsáveis para desenvolver esses trabalhos, que ocorre um exercício de militância através de um discurso religioso, que por vezes se dá pelo assistencialismo e por outras, pela ação crítica e política frente à contradição do Estado.

A partir dos anos 70, verificou-se no Brasil um crescimento da produção de estudos sobre atividades associativas e ações coletivas que se convencionou referir sob a categoria “movimentos sociais” (Facchini, 2005, p. 47). O movimento homossexual aparece nesse período, ao lado dos movimentos feminista, negro, ecológico... Forma-se uma militância que busca visibilidade para tratar de assuntos e políticas públicas voltadas para esse segmento tendo como “carro-chefe”, a AIDS, conhecida num primeiro momento como “peste gay” pela sociedade e numa visão religiosa, um castigo de Deus devido a uma prática tida como infame.

Na busca de exercer direitos de cidadania, militantes homossexuais saem pelas ruas em protestos e manifestações voltados para o respeito e dignidade humana.

A partir desse recorte dos dois contextos e da relação de tensão que conhecemos sobre esses dois movimentos, fica o seguinte questionamento: Até que ponto as religiões, e de modo específico, as denominações cristãs, têm uma influência na ação de alguns militantes do movimento GLBT?

Objetivo

A proposta da pesquisa foi identificar como a religião influencia e participa diretamente e indiretamente na prática da militância.

Metodologia

A pesquisa passou por três momentos: o primeiro foi a continuidade de leituras bibliográficas relacionadas ao tema; o segundo, um breve questionário realizado com 15 homossexuais na faixa etária de 18 à 35 anos, abordados aleatoriamente em *points* GLBT, cujo objetivo-piloto era comparar num momento posterior se a religião nesse grupo de “não-militantes” tinha algum significado; e por último, foram entrevistados 5 militantes de lideranças do movimento GLBT do Rio de Janeiro.

Conclusões

A experiência da participação social é algo que está sempre em construção e fortalecimento nas diversas faces dos movimentos sociais. Percebemos através dessa pesquisa que as religiões têm um papel importante na vida humana, ao mesmo tempo em que elas dificultam o diálogo com grupos e segmentos que saem da “normatividade socialmente construída”. A militância religiosa contribui, sim, para a prática de outras militâncias. Encontramos no movimento homossexual a história de militantes que fizeram a ruptura com a religião de origem, buscaram outras experiências e, no entanto, nos seus espaços de luta reproduzem e conduzem ações que vêm de um aprendizado religioso.

Os dois momentos de entrevistas com os grupos militantes e não-militantes abriram caminhos para identificarmos que a experiência é importante mas, ao mesmo tempo, o preconceito e a intolerância ainda existentes nos meios religiosos criam impasses para um diálogo de possibilidades onde a questão não seja a sexualidade, mas o coletivo e a construção de uma cultura de paz, respeito, dignidade da pessoa humana.

Nas entrevistas, notamos que algumas pessoas que procuram algum local, igreja ou grupos que trabalhem a reorientação sexual – até com uso da psicologia - o fazem devido à pressão e rejeição da família, da religião e da sociedade. Estas pessoas não querem se sentir excluídas, devido à pregação da maioria das igrejas. Por esse motivo, sentem-se infelizes. O sofrimento surge quando a família, a sociedade e a igreja, entre outros, viram as costas e discriminam de tal forma que acabam fazendo com que lésbicas e gays vejam a homossexualidade como um mal terrível, que precisa ser curado.

Concluimos que os nossos objetivos foram satisfatoriamente atingidos, ao mesmo tempo em que nos colocam num desafio de pensar, enquanto pesquisadores e estudiosos da temática, que a proposta não se encerra nesses dados observados. Talvez um passo futuro fosse realizar um estudo sobre os movimentos cristãos que vêm dialogando com o segmento homossexual, e ao mesmo tempo, rompendo com o tradicionalismo em busca de um novo fazer.

Referências

1 - DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS.

2 – FACCHINI, Regina. **Sopa de letrinhas?** Movimento Homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 1990. Rio de Janeiro: GARAMOND, 2005. 294p.

3 – RIBEIRO, Lucia. **Sexualidade e Reprodução** – O que os padres dizem e o que deixam de dizer. Petrópolis: VOZES, 2001. 255p.

4 – RODRIGUES, Humberto. Religiões e Perseguições. **O amor entre iguais**. São Paulo: MYTHOS, 2004, 155-174p.

5- JURKEWICZ, Regina Soares. Cristianismo e Homossexualidade. **Movimentos sociais, Educação e Sexualidades**. Coleção Sexualidade, Gênero e Sociedade. Rio de Janeiro. GARAMOND, 2005. 278p.